Aqui Há Tygres

Stephen King

Charles precisava desesperadamente ir

ao banheiro.

Não adiantava continuara enganar-se, achando que poderia esperar até a hora do recreio. Sua bexiga gritava para ele, e a Srta. Bird o surpreendeu contorcendo-se.

Havia três professoras do terceiro grau, na Escola Primária da Rua Acorri. A Srta. Kinney era jovem, loura e cheia de vitalidade, com um namorado que a vinha buscar depois das aulas, em um Camaro azul. A Sra. Trask tinha as formas de uma almofada mourisca, penteava o cabelo em tranças e ria estentoreamente. E havia a Srta. Bird.

Charles sabia que terminaria liquidando a Srta. Bird. Ele sabia disso. Era inevitável. Porque, obviamente, a Srta. Bird queria destruí-lo. Ela não permitia que crianças fossem ao porão. O porão, dizia a Srta. Bird, era onde ficavam as caldeiras, de modo que damas bem comportadas e cavalheiros nunca desciam lá, porque porões eram desagradáveis, velhas coisas fuliginosas. Mocinhas e cavalheiros não vão ao porão, havia dito ela. Eles vão ao banheiro.

Charles contorceu-se novamente. A Srta. Bird o fitou de banda.

- Charles -disse ela claramente, ainda apontando seu ponteiro para a Bolívia, - você precisa ir ao banheiro?

Cathy Scott, no assento à frente dele, deu uma risadinha sufocada, cobrindo a boca prudentemente.

Kenny Griffen riu à socapa e chutou Charles por baixo da carteira.

Charles ficou vermelho-vivo.

- Responda, Charles -disse animadamente a Srta. Bird. -Você precisa...

(urinar, ela dirá urinar, como sempre faz)

- Sim, Srta. Bird.

- Sim, o quê?

- Eu tenho que ri ao po - ao banheiro.

A Srta. Bird sorriu.

- Muito bem, Charles. Pode ir ao banheiro e urinar. É o que precisa fazer lá? Urinar?

Charles baixou a cabeça, condenado.

- Muito bem, Charles. Pode ir. E, da próxima vez, por favor, não fique esperando que eu lhe pergunte.

As risadinhas sufocadas encheram a sala. A Srta. Bird bateu no quadro com seu ponteiro.

Charles arrastou-se pelo corredor entre as carteiras, na direção da porta, sentindo trinta pares de olhos pousados em suas costas. E cada um daqueles colegas,

incluindo-se Cathy Scott, sabia que ele ia ao banheiro para urinar. A porta ficava a uma distância de, pelo menos, um campo de futebol. A Srta. Bird não continuou a aula, ficando calada até ele abrir a porta, passar para o corredor abençoadamente vazio e fechar a porta suavemente.

Ele caminhou em direção ao banheiro dos meninos.

(porão porão porão SE EU QUISER)

arrastando os dedos ao longo dos frios ladrilhos da parede, deixando que escalassem o quadro de avisos, com os avisos pregados a percevejos e escorregassem levemente através da

(QUEBRE O VIDRO EM CASO DE EMERGÊNCIA)

caixa vermelha de alarme contra incêndios.

A Srta. Bird gostava daquilo. Ela gostai a de deixá-lo com o rosto vermelho. Em frente de Cathy Scott -que nunca precisava ir ao porão, isso era justo? -e de todos os outros.

Filha da IYt-G-e, pensou ele. Soletrou a palavra, porque no ano anterior decidira que

Deus não a consideraria um pecado, se fosse soletrada.

Entrou no banheiro dos meninos.

Estava muito frio lá dentro, com um cheiro fraco, mas não desagradável, de água sanitária pairando acremente no ar. Agora, pelo meio da manhã, o banheiro estava limpo e solitário, tranqüilo e muitíssimo agradável, nada parecido com o cubículo enfumaçado e fedorento do Cinema Star, no centro da cidade.

O banheiro

(porão!)

era construído em forma de L, ficando a haste mais curta com uma fileira de pequenos espelhos quadrados e pias de porcelana branca, além de um toalheiro com toalhas de papel.

(NIBROC)

e a haste mais comprida com dois mictórios e três cubículos com vaso sanitário.

Charles dobrou a esquina, após olhar soturnamente para seu rosto fino e algo pálido, em um dos espelhos.

O tigre estava deitado na extremidade mais distante, logo abaixo da janela branco-pedregosa. Era um tigre grande, com persianas fulvas e tiras escuras cruzando seu pêlo. Ele ergueu os olhos alertamente para Charles, apertando as pupilas esverdeadas. Uma espécie de ronronar sedoso escapou-lhe da boca. Músculos lisos flexionaram-se e o tigre se pôs sobre as patas. Sua cauda agitou-se, fazendo pequenos sons de batidas contra o lado de porcelana do último mictório.

O tigre parecia absolutamente faminto e muito perigoso.

Charles correu, percorrendo de volta o caminho já feito. A porta parece levar uma eternidade para resfolegar pneumaticamente atrás dele, mas quando se fechou, Charles considerou-se a salvo. Aquela porta apenas oscilava, e ele não se lembrava de já ter lido ou ouvido dizer que tigres são inteligentes o bastante para abrir portas.

Passou o dorso da mão sobre o nariz. Seu coração batia tão forte, que era capaz de ouvi-]o. Ainda precisava ir ao porão, mais do que nunca.

Contorceu-se, pestanejou e apertou uma das mãos contra a barriga. Realmente, tinha que ir ao porão. Se, pelo menos, tivesse certeza de que não viria ninguém, usaria o das meninas. Ficava bem dó outro lado do corredor. Charles olhou para lá ansiosamente, sabendo que nunca teria coragem, nem em um milhão de anos. E se Cathy Scott aparecesse? Ou - tremendo horror! - se a Srta. Bird aparecesse?

Talvez ele houvesse imaginado o tigre.

Abriu a porta, uma fresta suficiente para um olho, e espiou.

O tigre espiava de volta, junto ao ângulo do L, seu olho era de um verde cintilante. Charles fantasiou que podia distinguir um pequenino salpico azul naquele brilho profundo, como se o olho do tigre tivesse comido o seu próprio. Como se...

Uma mão deslizou em volta de seu pescoço.

Charles soltou um grito contido, enquanto sentia o coração e o estômago amontoarem-se em sua garganta. Por um terrível momento, pensou que ia urinar-se.

Era Kenny Griffen, sorrindo complacentemente.

- A Srta. Bird me mandou atrás de você, porque saiu da aula há seis anos. Você está encrencado.

- Eu sei, mas não posso ir ao porão - disse Charles, ainda nervoso pelo susto que Kenny lhe dera.

- Está com prisão-de-ventre! - cantarolou Kenny alegremente. - Espere só até eu contar a Caauthv!

- Não tem nada que contar a ela! - exclamou Charles prontamente. Além disso, não estou com prisão-de-ventre. Há um tigre lá dentro.

- E o que ele está fazendo? - perguntou Kenny. - Mijando?

- Não sei -respondeu Charles, virando o rosto para a parede. - Eu só queria que ele fosse embora - acrescentou, começando a chorar.

- Ei! - disse Kenny, perplexo e um pouco amedrontado. - Ei!

- E se eu tiver que ir? E se não houver outro jeito? A Srta. Bird irá dizer que...

- Ora, vamos! - disse Kenny, agarrando seu braço com uma das mãos e empurrando-o pela porta aberta com a outra. - Você está inventando.

Já estavam dentro do banheiro, antes que Charles, aterrorizado, pudesse libertar-se e encolher-se contra a porta.

- Um tigre - disse Kenny, enojado. - Rapaz, a Srta. Bird matará você!

- Ele está no outro lado.

Kenny começou a caminhar ao longo da fila de pias.

- Pss-pss-pss? Psss?

- Não faça isso! - sibilou Charles.

Kanny desapareceu atrás da quina da parede.

- Pss-pss? Pss-pss? Pss...

Charles disparou pela porta novamente e apertou-se contra a parede, esperando, as mãos cobrindo a boca e os olhos fortemente apertados, esperando, esperando o grito.

Não houve grito nenhum.

Ele não fazia idéia de quanto tempo permaneceu ali, hirto, a bexiga explodindo. Olhou para a porta do porão dos meninos. Ela nada lhe disse. Era apenas uma porta.

Não iria.

Não poderia ir.

Contudo, finalmente entrou.

As pias e espelhos continuavam em ordem e o fraco cheiro de água sanitária não se modificara. No entanto, parecia haver um cheiro sob aquele. Um cheiro vago e desagradável, como o de cobre recém-cortado.

Com sofrida (mas silenciosa) apreensão, ele chegou até a quina do L e espiou.

O tigre estava estirado no chão, lambendo as enormes patas com uma comprida língua rosada. Olhou para Charles sem curiosidade. Em uma de suas presas, havia um pedaço rasgado de camisa.

A necessidade de Charles, no entanto, agora se tornava agônica e ele não podia esperar mais. Tinha que se aliviar. Na ponta dos pés, voltou até a pia de porcelana branca mais próxima da porta.

A Srta. Bird irrompeu no banheiro, justamente quando ele puxava o zíper das calças.

- Ora, mas você, seu garotinho sujo, seu porco! -disse ela, quase ponderadamente.

Charles mantinha um olho vigilante na esquina.

- Sinto muito, Srta. Bird... o tigre... eu vou limpar a pia... vou passar sabão... juro que vou...

- Onde está Kenneth? - perguntou calmamente a Srta. Bird.

- Não sei.

De fato, ele não sabia.

- Ele está aí dentro?

- Não! - gritou Charles.

A Srta. Bird começou acaminhar para o ponto em que o banheiro fazia quina.

- Venha cá, Kenneth! Imediatamente!

- Srta. Bird...

A Srta. Bird, entretanto, já dobrara a quina. Ela quisera surpreender. Charles pensou que a Srta. Bird estava prestes a descobrir o que realmente significava surpreender.

Tornou a cruzar a porta. Bebeu água no bebedouro. Olhou para a bandeira americana pendendo à entrada do ginásio. Olhou para o quadro de avisos. A Coruja Sábia dizia FIQUE ATENTO, NÃO POLUA. O Policial Amigo dizia NUNCA ACEITE CARONA DE ESTRANHOS. Charles leu tudo duas vezes.

Depois voltou para a sala de aula, seguiu por sua fila de carteiras até onde ficava a sua, sempre com os olhos baixos, deslizou para o banco. Faltavam quinze para as onze. Apanhou Estradas para toda parte e começou a ler sobre Bill no Rodeio.